

“Dois dias e uma noite”: um exercício de solidariedade

Alexandre Costa Lima*

Filme: “Dois dias e uma noite”
(*Deux jours et une nuit*)

Diretores: Jean Pierre Dardenne e
Luc Dardenne

Elenco: Marion Cotillard e Fabrizio
Rongione.

Bélgica, França e Itália, 2014.

Filme encontrável em DVD ou na
internet.

podemos contrapor o pluralismo, isto é, aquela maneira de pensar que consiste não em direcionar o mundo todo para nós mesmos, mas em nos considerarmos e atuarmos como simples cidadãos do mundo. E como as normas de conduta fundam as suas raízes em concepções conflituosas do mundo e do

bem, então elas podem e devem ser reguladas pelo direito, de modo que o dissenso seja compatível com a liberdade e as reivindicações de todos. Daí a importância de um direito pluralista, fundado no conceito de “dignidade humana”, algo que, segundo o filósofo de Koenigsberg, não pode ser

As sociedades modernas são heterogêneas e plurais. Há uma multiplicidade de posturas morais, religiosas, epistêmicas, sociais e políticas, mas esse pluralismo não conduz espontaneamente à solidariedade, senão ao relativismo: minha verdade, minha religião, minha moralidade, meus direitos e meu emprego. Schopenhauer afirmava que o egoísta está sempre disposto a invadir as esferas de vontades alheias, mas demonstra um interesse igual e constante no sentido de que sua própria esfera de vontade permaneça acobertada de tais ataques externos. Numa sociedade tão consumista, é essencial encontrarmos um equilíbrio entre os interesses individualistas e o respeito para com os outros, entre o egoísmo e a solidariedade, entre uma liberdade razoável e uma ordem social racional. Para isso, precisamos encontrar aquilo que Kant chama de *sensus communis*, o que significa que, frente ao egoísmo, só



(Fotos: Divulgação)

vendido, trocado ou substituído. A dignidade não tem preço.

É exatamente isso o que nos mostra o filme “Dois dias e uma noite”, dos irmãos belgas Jean Pierre e Luc Dardenne, também diretores de “O menino da bicicleta”, “O silêncio de Lorna” e “O filho”. O filme aborda um dilema ético instigante: Sandra (Marion Cotillard) é operária em um fábrica de tecidos que, ao voltar de uma licença-saúde numa sexta-feira, recebe a notícia de que será demitida na semana seguinte, porque houve um aumento de produtividade, tornando-a dispensável. Pior ainda: o patrão fez uma reunião com

os outros dezesseis funcionários e negociou com eles um bônus de mil euros para cada um, tendo em vista a economia a ser feita com a demissão de Sandra. Assim, todos ganhariam com a saída da colega.

Para Sandra, a demissão seria um desastre: casada e com dois filhos, a família não poderia mais pagar a hipoteca da casa onde moram. Ela se desespera, até pensa em suicídio, mas tem uma boa ideia: visitar cada colega em suas casas e pedir diretamente que se faça uma reunião na segunda-feira para que todos desistam do bônus em favor do emprego de Sandra. Uma tarefa difícil, sem dúvida.

O fim de semana de Sandra (dois dias e uma noite) é todo gasto em visitas e em telefonemas aos colegas. Marion Cotillard consegue expressar como essa tarefa é penosa: solicitar a pessoas tão necessitadas quanto ela que abram mão de uma renda extra que lhes permitirá resolver certos problemas materiais pendentes (alguns deles têm um segundo emprego para poder pagar as contas). Os colegas reagem de diversas maneiras: rejeição, solidariedade, indiferença, medo, ódio e até com violência. Poucos enxergam a armadilha: dezessete operários em uma disputa interna imposta pelos patrões. No caso, as contradições do capitalismo são resolvidas com o incentivo ao individualismo.

O filme é simples, sem efeitos especiais e parcialmente filmado com a câmara no ombro, o que lhe dá um tom nervoso, quase documental. O clima da cidadezinha belga é cinza e opressor. Os irmãos Dardenne não julgam ninguém, apenas dizem: assim vive o proletariado europeu hoje. Para o espectador acostumado a Hollywood, o final será surpreendente. Para quem tem um olhar crítico, o filme é coerente com as suas premissas iniciais: não é particularmente inteligente para um grupo de pessoas agir de um modo que arruinará todas elas. Ser inteligente e solidário ajuda na compreensão não só do interesse próprio, mas também de como a vida dos outros pode ser fortemente afetada por nossas próprias ações. ■

